

Teatro - Temporada italiana

Duas peças clássicas

Diante do segundo espetáculo do "Teatro Stabile della Città di Torino", realizado sábado à noite no Teatro Municipal, a nossa reação crítica é algo ambígua.

Por um lado, não podemos esquecer o que significa para nós a visita de um teatro desenvolvido como o italiano, especialmente quando as temporadas são ideadas, a exemplo desta, de forma inteligente e orgânica. Encenações como a de "Miles Gloriosus" e "Olimpia", em confronto com as nossas, surpreendem-nos pela riqueza — riqueza de inventiva, de gosto, de originalidade, de recursos técnicos e humanos. A companhia de Turim não conta com grandes nomes, a não ser o de Paola Borboni. Mas esta mesma ausência de "monstros sagrados", permite-lhe uma flexibilidade muito maior. Cada ator que vemos desempenhando uma pequena ponta, mostra-se capaz, na peça seguinte, de assumir sem desdouro o papel principal. Se no primeiro espetáculo havíamos admirado, por exemplo, Paola Borboni, Gianni Mantesi, Edda Albertini, Giulio Oppi, Franco Parenti, o segundo já pôs em evidência outros atores, Franco Pasatore, Gastone Bartolucci, Franca Tamantini, Pietro Buttarelli, Renzo Giovampietro, Alessandro Esposito, Carla Parmeggiani, sem que a lista tenha a pretensão de ser exaustiva. A impressão é antes de homogeneidade que de genialidade, valendo mais a companhia pelo equilíbrio do conjunto e pela preeminência concedida sem discussão ao trabalho do encenador. Também o repertório é interessante, fugindo dos caminhos batidos, buscando peças e autores pouco familiares, ao menos entre nós. Tudo isso, que poderíamos dar como subentendido mas que convém reafirmar de vez em quando em alta voz, não tem preço. Se o governo italiano, por um capricho que temos a certeza jamais sucederá, resolvesse não mais enviar anualmente os seus melhores elencos à América do Sul, o nosso teatro sentir-se-ia mais pobre, mais isolado, privado desta preciosa via de comunicação com um dos primeiros países da Europa.

Tais considerações, entretanto, não nos impedem de fazer sérias restrições ao espetáculo de sábado, não quanto às peças de Plauto e Giovan Della Porta, que pertencendo à história já passaram de certa forma em julgado, nem quanto ao elenco, mas quanto a Giovanni Poli, ou, mais precisamente, quanto a certas concepções teatrais suas. Pode-se dizer sem medo que o espetáculo é seu, de principio a fim, uma vez que não só as encenações trazem a sua assinatura como os próprios textos originais foram reescritos, isto é, modernizados e adaptados por ele. O seu intuito, segundo escreveu no programa, foi provar a afinidade existente entre a farsa "attellana" e a "commedia dell'arte", ambas brotadas do mesmo solo latino. Demonstração, de resto, um tanto especiosa, posto que "Miles Gloriosus" parece pertencer menos à tradição romana do que à grega, derivando-se de Menandro, e que "Olimpia", por sua vez, deixa bem à mostra as suas raízes clássicas. Giovanni Poli, que é um especialista do assunto, não ignora naturalmente nada disto, como não ignora que Della Porta foi tradutor de Plauto, sendo facilímo, portanto, estabelecer-se a influencia direta de um autor sobre o outro, sem se precisar recorrer a elementos intermediários como a farsa "attellana" e a "commedia dell'arte". Se preferiu a hipótese menos simples e mais inverificável, talvez o fato já nos forneça alguma indicação sobre a sua maneira de ser. Ora, esta mesma marca de personalidade forte, para não dizer tendenciosa, revela-se nas suas adaptações e encenações. Ele manteve, de Plauto, as personagens e as situações. Mas alterou radicalmente o tempo, fazendo a história correr com o dobro ou o triplo da velocidade. Não é preciso acrescentar que esta mudança de ritmo transforma por completo a fisionomia da peça. Se ganhamos com isso o corte de várias repetições, realmente insuportáveis em Plauto, autor que nunca se contenta com menos de duas explicações sobre o mesmo fato, perdemos, de outra parte, as minúcias, os vagares da composição psicológica, como, por exemplo, a longa e descansada conversa em que Periplectomeno se analisa e se caracteriza moralmente. Acentua-se, em suma, o tom grotesco, de farsa popular, de teatro de máscaras, exatamente como o encenador pretendia de início. As suas preferências, com efeito, voltam-se todas para o jogo teatral violento e burlesco, para as invenções mímicas abundantes, para o acúmulo de efeitos visuais e físicos.

Condenariamos em teoria semelhante processo de redução e aceleração, porém estaríamos prontos a absolvê-lo na prática, se o resultado fosse um crescimento de comunicabilidade e comichão. Mas, não. É o contrário que acontece: não rimos mais, rimos menos. Como que aturdidos pelo constante fogo de artifício, por uma encenação que inventa bem mas em excesso, chamando a nossa atenção para o detalhe

e não para a significação global da cena, dissolvendo personagens, situações e enredo numa incessante catadupa de achados e engenhosos jogos de cena, acabamos por admirar o espetáculo e não a peça. E sentimos falta daquilo que nos subtrairam: o tempo. O tempo necessário não para a compreensão — esta pode ser instantânea — mas para que possamos acreditar e viver nesse universo de fantasia, encarando aquelas figuras de ficção como homens e mulheres e não como simples titeres. Não queremos dizer com isto que a farsa, a improvisação cênica, também não tenha os seus encantos. Mas, para chegar a este resultado, por que partir de textos escritos, e bem escritos, como "Miles Gloriosus" e "Olimpia"? É o encenador que está servindo Plauto e Della Porta — ou vice-versa?

Giovanni Poli vem do teatro universitário. E há porventura resquícios de amadorismo na maneira como ele considera o teatro, não quanto ao acabamento técnico do seu espetáculo, que é extremamente brilhante, estritamente profissional, mas neste seu gosto juvenil pela brincadeira, pela deformação comica. Um exemplo: os filhos perdidos em terra infância e os pais que voltam à cidade natal após longos destierros fazem parte da própria essência da comédia clássica, elementos que são da convenção teatral da época. Neste sentido, só podem ser tratados seriamente — ou, se quiserem, com uma ponta de malícia, desde que esta permaneça nas entrelinhas. Pois em "Olimpia", Poli satiriza sem piedade, e aliás com muito espírito, essas ingenuas convenções, enxergando-as com olhos anacrônicos e modernos. Paródia, portanto, não da tragédia, ou do drama, como seria de esperar, mas da comédia — e da própria comédia que se está encenando.

Os cenários e figurinos devem-se a Eugenio Guglielminetti, que parece ser, antes de mais nada, um delicado, um sutil colorista, na linha fluida e deliquescente de certo abstracionismo moderno.

Para tudo resumir numa palavra: o espetáculo de sábado foi uma excelente aula mas não uma lição de teatro. Giovanni Poli poderia aproveitar melhor, com mais senso de economia e funcionalidade, os seus inegáveis dons de inteligência e imaginação.